

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG: N°	14383
Data:	16 / 12 / 2010
() Compra (x) Doação () Permuta	

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
INSTITUTO DE LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

PATRÍCIA DOS REIS SANTOS

VIOLÊNCIA NA SALA DE AULA

**PONTES E LACERDA - MT.
2010**

37.015.4
5237
ex. 01

PATRÍCIA DOS REIS SANTOS

A VIOLÊNCIA NA SALA DE AULA

Monografia apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Pontes e Lacerda, Departamento de Letras, para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, sob a orientação da Prof.^a Selma de Albuquerque Cavalcanti Kirsch.

PONTES E LACERDA - MT.

2010

APROVADA EM ____ / ____ / ____

NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Selma de Albuquerque Cavalcanti Kirsch (Orientadora)
Campus Universitário de Pontes e Lacerda (UNEMAT)

Prof.^a Ms. Tereza de Pazos da Silva
Campus Universitário de Pontes e Lacerda (UNEMAT)

Prof.^a Dra. Rosely A. Romanelli
Campus Universitário de Pontes e Lacerda (UNEMAT)

Primeiramente a Deus o autor de todas as minhas vitórias, que sempre me deu força para romper com meus obstáculos.

A minha eficiente orientadora, que se prontificou em compartilhar comigo os desafios deste trabalho monográfico. O meu muito obrigado.

A meus pais os quais tanto fizeram de forma direta ou indireta para que eu alcançasse o meu objetivo. A meu noivo que sempre esteve ao meu lado dividindo as angústias de momentos difíceis, a eles o meu muito obrigado.

Resumo:

A violência sempre foi algo que preocupou a nossa sociedade, e nas escolas não têm sido diferente, os relatos desses casos que acontecem no espaço de educação têm feito com que sejam realizados muitos estudos a respeito do assunto. O aumento desenfreado da sociedade só colabora para o crescimento desse fenômeno, que tem transformado o ambiente escolar em um lugar de medo e desrespeito ao direito do próximo.

Por perceber a grande dificuldade que tem sido lidar com a sala de aula, e com as diversas formas de violência encontradas neste ambiente procurei ir em busca de mais conhecimentos a respeito do assunto, a fim de entender melhor como se dá o fenômeno da violência no espaço de educação escolarizada.

O presente trabalho visa analisar como a violência tem acontecido nas escolas, e como ela tem invadido o espaço escolar, como também suas formas de manifestação, avaliar como tem sido a relação professor x aluno, aluno x aluno e aluno x escola nestes últimos anos, e qual a participação da família e da comunidade nestes casos.

Para realização deste trabalho foram utilizados como Referências Bibliográficas os seguintes autores, Julio Groppa Aquino, Tereza Rego, Ives de La Taille e Áurea Guimarães. Todos estes retratam em seus textos, tanto os conceitos de indisciplina quanto o da violência, justificando a importância do aluno em aprender a obedecer a regras, a participação dos professores nestes casos, bem como a dificuldade de lidar com esses aspectos presentes nas escolas.

A autora Eliana Candido em seu trabalho "Violência: o que funcionários de uma escola pública de Cuiabá pensam a esse respeito", deu voz aos funcionários das escolas, que relataram as suas angústias a respeito da violência no espaço escolar.

Já a autora Miriam Abramovay, desenvolveu em seu trabalho, "Violência nas escolas", uma pesquisa realizada em grandes capitais e mostra-nos, com dados concretos, as diversas visões a respeito da violência nas escolas, com pais, alunos e professores. Mostra também propostas adotadas nestas escolas e que deram certo, que mostram que mesmo sendo difícil há uma solução, para pelo menos diminuir esses casos.

Todas essas Referências Bibliográficas usadas serviram como base para a realização da minha pesquisa bibliográfica a respeito do assunto "Violência na sala de aula", principalmente para observar o que já tem sido feito nestes casos.

Foi realizado também um breve levantamento a respeito do assunto em escolas estaduais e uma municipal do município de Pontes Lacerda. Para tal levantamento foram utilizadas 09 questões as quais foram respondidas por professores, diretores, e coordenadores das escolas em forma de uma entrevista com o intuito de saber como anda o assunto nas escolas em nossa cidade, bem como o que tem sido feito para coibir tais manifestações.

PALAVRAS CHAVES: violência, educação, família, respeito, indisciplina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	
VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA NA SALA DE AULA	11
CAPÍTULO II	
VIOLÊNCIA NO ESPAÇO DA ESCOLA	16
2.1 PROFESSOR X ALUNO	24
2.2 A FALTA DE SEGURANÇA, AS GANGUES E O TRÁFICO NO ESPAÇO ESCOLAR	27
2.3 BRIGAS AMEAÇAS E ARMAS	28
CAPÍTULO III	
LEVANTAMENTO SOBRE VIOLÊNCIA EM ALGUMAS ESCOLAS ESTADUAIS E MUNICIPAIS DE PONTES E LACERDA, MT.	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

A Indisciplina e a Violência tornaram-se, nas ultimas décadas, uns dos maiores problemas pedagógicos enfrentados no dia a dia das salas de aulas. Com exceção de algumas escolas e educadores, a grande maioria não sabe como lidar com estes problemas, e se deparam com uma linha divisória entre eles e seus alunos, ficando difícil a convivência social entre ambos que se faz necessária no dia a dia das escolas.

E no meio de todos estes conflitos, a comunidade escolar formada por professores, pais, alunos e a comunidade em um geral se tornam reféns dos problemas de maus comportamentos e violência em que se encontra a escola.

Sabemos que de fato, todos nós seres humanos desde o momento em que nascemos já estamos cercados de regras ou Leis a serem seguidas, estas, portanto estabelecem limites, direitos e nossos deveres. Estes se fazem necessário para manter certa ordem na convivência em comunidade com os nossos semelhantes.

Quando desobedecemos a essas regras ou Leis, causamos um desequilíbrio no convívio social. Por este motivo precisamos reconhecer e também passar aos nossos alunos que disciplina, bem como o respeito pelo espaço e opinião do outro é um elemento de fundamental importância, em nossas vidas, pois nos oferece um lugar com mais segurança e ordem para se viver.

A pesquisa sobre a questão da violência foi desenvolvida por ser este um problema que tem despertado a preocupação de toda a sociedade e principalmente dos profissionais de educação que estão ligados diretamente no seu dia a dia com estes conflitos, e que muitas vezes não sabem como lidar com estes problemas.

A violência é descrita no dicionário como um comportamento agressivo com o uso da força ou em situações em que o agressor faz uma violência psicológica com ameaças à outra pessoa e a indisciplina como desobediência, desordem, rebelião, séria revolta às ordens impostas por aquele local.

Para desenvolver essa pesquisa foram utilizados alguns recursos metodológicos como pesquisas bibliográficas, nas quais encontraram-se bases científicas que nos permitem compreender a conduta do aluno referentes aos casos de violência e indisciplina bem como dos professores, escola e sociedade diante desses fenômenos.

O corpo do trabalho comporta três capítulos: o primeiro traz uma breve reflexão sobre os conceitos de violência e indisciplina. O segundo trata diretamente dos conflitos que a

questão da violência traz para dentro das escolas bem como a postura dos envolvidos diante das situações imprevisíveis que acontecem neste meio. O terceiro e ultimo faz um breve levantamento dos casos de violência presentes nas escolas do município de Pontes e Lacerda-MT. Para realização desta pesquisa foram elaboradas 09 questões, que foram respondidas em forma de entrevista. O objetivo desta era tomar conhecimento dos casos de violência em nosso município, bem como o que tem sido feito com o intuito de diminuir estes casos.

I Capítulo

Violência e indisciplina na sala de aula

Há muito tempo que a violência e a indisciplina passaram a fazer parte do cotidiano das escolas e tem se tornado um dos grandes obstáculos enfrentados pela comunidade escolar, dificultando a relação professor-aluno e desvalorizando o conceito da escola. É claro que a escola não é a única que vivencia toda essa violência e indisciplina. A violência, por exemplo, é encontrada em todos os ambientes da sociedade moderna, como afirmam Oliveira e Martins (2007), ao dizerem que; “A violência abarca e é abarcada por diversas esferas: social, econômica, cultural, política etc. daí não ser possível indicar uma única esfera como causadora da mesma” (p.02).

A violência tem se manifestado das formas mais diferentes como vimos acima, e detectar um ponto de partida para se resolver este problema fica muito difícil, a violência na escola passou a ser um reflexo de tudo o que acontece na sociedade, antes da violência existente na escola a criança já presenciou outros eventos de violência na sociedade em que ela está inserida.

Em termos estruturais, a violência é também uma consequência do processo de globalização. As políticas distributivas injustas promovem o que se denomina de “incursão na miséria”, propiciadora das invasões e saques, da violência urbana, da existência de crianças e jovens sem perspectivas e atolados no consumo de drogas e na delinquência. (OLIVEIRA e MARTINS, 2007, p.5).

Com isso podemos perceber que a primeira violência sofrida pela criança vem do poder público, que não cumpre com as suas obrigações, não usa as verbas do município para melhorar as salas de aulas, materiais didáticos, não dá o suporte necessário para que estes alunos possam garantir um futuro digno, deixa as famílias desprotegidas, jogadas á própria sorte, como por exemplo, o crescimento do desemprego e com isso aumentando a desigualdade social que só cresce no nosso país e que faz com que as famílias não consigam mais cuidar de suas crianças com dignidade, influenciando crianças e adolescentes a abandonar cada vez mais cedo a sala de aula para trabalhar e ajudar as suas famílias na busca pela sobrevivência. A desestrutura familiar causada pela falta de oportunidades no mercado de trabalho causa problemas que vão bater na porta da escola.

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do campo macroestrutural. É importante argumentar que apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina. Para dar conta de algumas formas de violência e de indisciplina que dinamizam a vida cotidiana da escola, é preciso na ambiguidade desses fenômenos seus modos específicos de manifestação. (GUIMARÃES 1996, p77a78).

Podemos perceber que o que a autora propõe não é algo fácil de resolver, pois os problemas são muito complexos, não seguem nenhuma regra, e se manifestam das mais diferentes formas dentro da sala de aula. Em primeiro lugar vamos tentar entender um pouco de indisciplina e violência.

Todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à desobediência, à rebelião construir-se-ia em indisciplina. (...) A violência, por sua vez, seria caracterizada por qualquer ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral. (GUIMARÃES 1996, p.73).

Como vimos neste breve relato a indisciplina é vista pelos professores como um momento em que o aluno faz bagunça, conversa, provoca os colegas e tira o silêncio da sala de aula, silêncio este que se faz necessário no momento em que o professor explica os conteúdos da aula, esta bagunça é vista como um momento de desordem que atrapalha a concentração e diminui o rendimento do aluno na sala de aula. Já a violência ocorre quando há a agressão seja ela física ou psicológica. A física é pelo uso da força e a psicológica é quando ocorrem ameaças.

A violência seja em qual nível for pode interferir no cotidiano dos alunos, dos professores e da família dos alunos que passam a desacreditar no potencial da escola em educar quando se deparam com os seus filhos vítimas de agressões dentro da escola, onde se deveria estar para receber educação, aprendizado e é claro que alguns pais ficam apavorados ao se verem no meio destas situações. Lopes e Gasparim (2003), afirmam o seguinte em relação a esses possíveis efeitos da violência no espaço escolar: “A escola que chegou a ser chamada de “segundo lar” ou apêndice de casa aparece hoje, na visão de alguns, como “local perigoso”, onde não há previsibilidade sobre o que pode acontecer”(p.1 a 2).

Para estes, a escola que chegou a ter um prestígio bem maior que o de hoje por parte da família, pois estes deixavam os seus filhos na escola com a garantia de que eles estavam

em um lugar seguro de aprendizado e respeito. Atualmente o espaço escolar passou a ser palco de situações desagradáveis a todos, e família bem como a sociedade em geral desacredita da escola.

Essa visão que a sociedade passou a ter da escola tem prejudicado ainda mais a situação, pois com a sociedade se afastando os professores e alunos ficam numa situação de abandono, sozinhos para resolver problemas que são de todos e com isto o propósito da escola de ensinar a criança a conviver em sociedade não consegue se afirmar. O diálogo com toda a sociedade seria o viável para trazer a participação destas pessoas para a comunidade escolar, pois, sem esta colaboração a escola não consegue encontrar soluções para os seus problemas que tem as mais diferentes causas e esta violência atinge a todos.

[...] Podemos caracterizar a violência escolar como todo ato que impede, em sentido amplo, o pleno desenvolvimento dos atores sociais aí presentes. Trata-se da negação de direitos básicos, um ataque à cidadania. Há violência em toda ação consciente ou voluntária de um indivíduo, grupo ou classe, com propósito de impedir a outro indivíduo, grupo ou classe, pleno exercício de um direito. Tal ação pode ser direta ou indireta, velada ou explícita, e comporta sempre a negação do outro. (LOPES e GASPARIM 2003, p.04).

Como podemos observar a violência escolar não combina com o propósito da instituição escolar, mas nem por isso deixou de existir. O que se precisa, é tentar compreender esse fenômeno para não chegar a situações de agressão, afinal todos temos como direito conviver em sociedade, e desfrutar os mesmos ambientes. A sala de aula é um ambiente feito para acolher a todos mesmo com todas as diferenças. Não podemos deixar de lutar para diminuir a violência no espaço escolar, e principalmente de buscar compreender como acontece esse fenômeno.

Lopes e Gasparim (2003) constataram na sua pesquisa que não se tem feito muito para descobrir porque acontece a violência. Normalmente só se discute o que aconteceu naquele momento. Os autores afirmam: “Podemos observar, nas escolas pesquisadas, que se corre muito mais para apagar focos de incêndios, representados pelos inúmeros casos de violência e indisciplina, do que para se buscar detectar e sanar a origem dos incêndios.” (p.09).

É claro que não é um assunto fácil de resolver e com o pouco apoio político torna se ainda mais difícil buscar alternativas para discutir e trazer possíveis soluções para este problema, mas não é impossível conseguir estes apoios. O que se precisa haver de imediato é

uma união entre todos os membros da sociedade, envolvidos em discussões para a melhoria da instituição escolar.

A indisciplina também se faz presente no dia a dia das escolas, de modo muito mais constante do que a violência. A indisciplina como vimos anteriormente na explicação Guimarães (1996), ela é o oposto da disciplina, do aluno bem comportado e cumpridor das regras dentro da sala de aula, e no interior da escola.

Não é fácil designar um fator como causa ou influência desse tipo de mau comportamento, pois a indisciplina acontece na grande maioria das salas de aulas, falar que são os meios de comunicação, amigos, família ou a sociedade na qual ele está inserido pode não ser o correto já que todos podem ter em algum momento uma parcela de culpa. Seria mais correto dizer que todos esses fatores influenciam no aumento da indisciplina, e fica praticamente impossível pensar em uma turma sem um aluno indisciplinado, que não consegue conviver com as regras impostas na escola.

É claro que ela prejudica o rendimento do aluno, bem como dos outros alunos na sala de aula, atrapalha o professor no momento da explicação dos conteúdos no dia a dia da sala de aula. "A indisciplina, nesta ótica, passa a ser vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados, de intransigência, do não cumprimento de regras capazes de pautar a conduta de indivíduo ou de grupo". (Rego, 1996 p.86).

Como vimos a indisciplina é conhecida como um comportamento desrespeitoso, pessoa que não gosta de cumprir certas regras, e não deve ser confundida com um aluno que possui uma atitude violenta. A escola de um modo geral poderia ser uma minimizadora desses fatores de indisciplina, mas não contribui, a grande maioria das escolas possui um espaço físico bom, mas o que atrapalha é a falta de uma melhor projeção deste lugar, com brinquedos diferentes para as diversas idades dos alunos que se encontram na escola, para que estes possam gastar toda a sua energia própria da idade em atividades que faça bem para o seu corpo e até mesmo para a mente. Na grande maioria dos casos a escola não é atrativa e é claro que isso tira a vontade do aluno de ir todos os dias para aquele lugar o qual ele considera chato, e quanto antes à aula termina parece ser melhor para o aluno.

O espaço físico agrada em sua metragem por ser amplo, mas desanima pelo desconforto, descaso e desrespeito. Os muros muito baixos são uns convites a violência na escola: as áreas livres não são utilizadas por falta de cuidados e até mesmo abandono, impedindo a realização de atividades desportivas, o que poderia ser uma alternativa para os jovens e as crianças nos intervalos e/ou finais de semana, ou até mesmo a oportunidades de transformar o ambiente escolar em

um espaço de encontro, aberto à comunidade. O zelo também não é praticado pelos próprios alunos que contribuem para a construção de um cenário não propício à educação. (MORAIS, AZEVEDO e TEIXEIRA, 2005 p.10).

Podemos observar que um espaço escolar adequado poderia aumentar a integração dos alunos com a escola, e diminuir o mal estar que eles sentem ao chegarem à sala de aula. Na maioria das vezes a escola não propicia o dialogo, espera apenas que o aluno obedeça às regras impostas sem manifestar suas opiniões, gerando um desconforto no aluno que muitas vezes expõe o seu desejo de falar e ser ouvido em forma de “bagunça e conversas paralelas”, que é claro atrapalha o bom andamento das aulas.

Buscar um ambiente de mais companheirismo entre alunos, professores, coordenação e comunidade em geral, seria o mais proveitosa para a educação, deixar que a desordem e a violência tomem conta da escola não é com certeza o apropriado. O correto seria usar toda essa energia dos alunos, para o lado produtivo, pois esperar que toda essa vivacidade se apague é esperar o impossível.

O necessário é buscar alternativas que incluam o aluno nas aulas, nas decisões da escola, pois só assim ele estará presente no que acontece naquele ambiente e vai ter mais dedicação, pois saberá que aquela escola esta sendo para ele. É claro que não podemos esperar sucesso total, como já falamos até aqui alguns problemas dos alunos vão além do que acontece na sala de aula e é claro necessita outros recursos. Porém uma sala de aula com mais integração de professor e aluno, já seria um avanço digno de comemoração.

Capítulo II

A Violência no espaço da Escola.

Quando se fala da violência que esta presente na sociedade sempre ouvimos os mais diferentes relatos, que por muitas vezes nos assusta, mas um dos lugares que mais tem causado espanto e até mesmo indignação nas famílias é quando falamos da violência que encontramos nas escolas, lugar este onde a violência tem se instalado a cada dia que passa com mais intensidade. Sem limites, ela tem avançado para os mais diferentes lugares da nossa sociedade e o espaço da escola não tem sido diferente, pois a cada dia que passa ela tem relatos de violência nesse ambiente só vem aumentando, chegando é claro nos níveis mais altos de agressão física, psicológica entre outras, saindo de apenas briguinhas entre alunos e passando a agressões físicas e até mesmo assassinatos.

É claro que todos os que convivem no ambiente escolar tem sofrido e muito com esta situação, pois por muitas vezes se vêem impotentes e sem ação diante destes problemas. As brigas entre os alunos são cada vez mais constantes e mais violentas do que imaginamos. São pequenas desavenças, como dizem os adolescentes, que se tornam grandes atos de violências muitas vezes envolvendo jovens e crianças que muitas vezes nada tinham a ver com a situação, bem como dentro da escola e também fora, muitas vezes por confrontos já marcados por eles com seus supostos “grupos rivais”. Na sala de aula, professores, alunos e outros profissionais da escola têm se tornado reféns desta desordem de jovens que se encontram cada vez mais sem limites.

Os profissionais da educação que são muito afetados por esta intolerância dos jovens e adolescentes. A cada dia que passa fica mais difícil ter com os estudantes uma relação de amizade, os alunos não aceitam as regras da escola, e por falta de instrução de seus pais ou responsáveis, entre outros inúmeros fatores, acabam faltando com o respeito para com os seus professores ou também com os outros profissionais da educação bem como seus colegas de classe. É importante lembrar que esta violência de que estamos falando não é só encontrada no ensino médio ela também está presente lá no ensino fundamental, e é claro que é extremamente preocupante, pois são crianças, que agridem os seus professores e seus colegas de classe tanto fisicamente quanto psicologicamente, com apelidos, empurrões,

xingamentos e ameaças, deixando todos em um verdadeiro estado de pavor por não saber como lidar com essas situações que aparecem no cotidiano escolar.

As agressões físicas fragilizam todo o conceito do ambiente escolar e colocam o educador em uma situação difícil, pois no outro dia ele terá que voltar à sala de aula. O receio e o medo vão transformar a conduta desde professor perante os seus alunos, e o aluno que agride deixa claro que ele é capaz de agredir, sabe como agredir e onde fazer isto, e neste momento o medo, o transtorno e o desamparo extrapolam do ambiente escolar e perseguem a vítima onde quer que ela vá. Essa violência psicológica passa a ser um outro problema, que aflige e desespera qualquer pessoa que passa por esta situação.

Ao falar desta violência psicológica a autora Eliana Candido (2000) diz em seu artigo uma frase que resume bem o que estou dizendo; "O fenômeno da violência interfere no cotidiano das pessoas, provocando mudanças no comportamento e no imaginário das mesmas" (p.04).

Por meio disso podemos perceber que a violência modifica a postura do professor, reprime suas palavras e atitudes e por algumas vezes modifica a sua autoridade dentro da sala de aula perante os outros alunos. Quando falamos de autoridade na sala de aula não podemos deixar de relatar que esta não deve ser confundida com o autoritarismo.

Digamos que a autoridade é uma pessoa com mais conhecimento que os demais, como por exemplo, o professor que esta em sala de aula para mediar o conhecimento dos seus alunos, não que ele seja superior, mas sim que está preparado para ocupar esta posição; já autoritária é a pessoa que impõe leis e regras sem discuti-las e muitas vezes abusam do seu poder. O aluno por sua vez precisa respeitar o professor que esta ali para mediar o conhecimento deles. Paiva fez em seu artigo um levantamento a cerca do assunto no Dicionário de Língua Portuguesa e faz a seguinte definição de autoridade e autoritarismo:

Autoridade vem do latim auctoritate. Direito ou poder de fazer obedecer, de dar ordens, de tomar decisões, de agir, etc. Aquele que tem direito ou poder. Órgãos do poder publico. Aquele que tem por encargo fazer respeitar as leis, representantes do poder publico. Influencia, prestígio, crédito. Indivíduo com competência indiscutível em determinado assunto. Permissão autorização. Autoritário é "relativo à autoridade. Que se baseia na autoridade; despótico. Que procura impor-se pela autoridade. Altivo, impositivo, dominador, arrogante, impetuoso, violento, impulsivo". Autoritarismo por sua vez é um "regime político que postula o princípio da autoridade aplicada em detrimento da liberdade individual, despotismo, ditatorialismo" (PAIVA, 2007 p.08).

Segundo Paiva, após estas tais definições de autoridade, garante que neste contexto em que é explicada não cabe totalmente dentro do contexto escolar, ou a que se propõe a escola moderna e não podem ser levadas em consideração para interpretar a autoridade do professor em sala de aula, já que sabemos que o professor hoje é considerado um mediador do conhecimento como dizíamos. E diz que:

As relações entre professor e alunos são entrelaçadas por muitas questões que fazem da prática educativas um momento complexo e conturbado. Um dos conflitos que permeiam a sala de aula e que esta diretamente ligado a relação professor-aluno diz respeito à autoridade que muitas vezes é confundida com autoritarismo (PAIVA,2007p.02).

A relação professor-aluno é diária e difícil com o professor na posição de ensinar e o aluno na de aprender, e muitas vezes gerando conflitos pela forma como são impostas estas relações. Em alguns momentos o aluno se sente um pouco rejeitado na sala, pois sua obrigação é chegar à sala sentar e ouvir. O aluno já não quer mais esse tipo de aula, ele se sente parte daquele ambiente e quer interagir, participar, dar as suas opiniões e não consegue mais se concentrar em aulas monótonas e sem interação. Este tipo de aula acaba gerando muitos conflitos e por muitas vezes até violência.

Na escola, a violência aparece inserido no contexto pedagógico, muitas vezes como respostas a imposições arbitrárias desnecessárias, emanadas de um autoritarismo destrutivo, de professores que se sentem acuados, desrespeitados, sem saber o que fazer frente a certos comportamentos dos alunos e infelizmente tomando-os como agravo pessoal (CANDIDO,2000,p.06)

Candido ainda afirma que neste duelo de se impor ninguém sai ganhando e sim perdendo. A escola é um local de união pela educação e de aprendizado em conjunto. Impor qualquer coisa que seja às crianças é tirar a sua liberdade de decisão ou participação nas decisões a serem tomadas. Isto não tem nenhum proveito e não faz sentido para o ambiente escolar que deveria dispor de situações que inserem o aluno nas decisões sociais, as quais ele participara em outros instantes da sua vida. Paiva faz uma reflexão interessante a partir de uma frase de Paulo Freire (apud Paiva), que deixa claro essa relação de autoritarismo com a vivência da sala de aula. “ensinar exige liberdade e autoridade”.

A partir desta afirmação Paiva faz a seguinte comentário:

... e nesse contexto, entende autoritarismo como imposição da vontade de outrem, seja o educador ou os pais, sem que se permita ao educando sua própria participação nas decisões de sua vida, desrespeitando a autonomia, curiosidade e a criatividade de cada um, prejudicando a própria construção do conhecimento (PAIVA, 2007 p.09).

Podemos notar que fica claro através da fala da autora que a liberdade do aluno tem que estar em primeiro lugar, ele precisa estar presente nas decisões a serem tomadas a respeito de sua vida. É claro que não podemos esquecer que a escola também necessita de respeito e que a ordem se faz necessária para bons resultados, mas não como forma de imposição e sim de conquistar o seu espaço no momento das aulas, bem como trazer a participação dos alunos para os conteúdos a serem trabalhados.

... somente resta à escola uma solução: lembrar fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público diálogo franco entre olhares éticos (LA TAILLE, 1996p. 23).

Como disse o autor não cabe apenas lembrar aos outros o objetivo da escola, tem que se lembrar ao próprio conjunto escolar qual é o seu objetivo naquele ambiente, quais são as habilidades que queremos desenvolver em nossos alunos, saber entender os sinais deles para as suas necessidades, devemos estar atentos no dia a dia deles, olhar se o que estamos ensinando esta atendendo as necessidades deles e lutar junto com eles para encontrar novas formas de apresentar os conteúdos nas aulas.

A escola, como falávamos, é o primeiro contato que as crianças têm com o convívio social. É neste início que se aprende a viver em sociedade a entender e respeitar o espaço do outro. Sabemos, é claro, que no mundo em que vivemos muitos de nossos alunos já chegam à escola carregados de problemas que vivenciam em seus lares, às vezes desestruturados, onde falta amor e sobra agressividade e desrespeito. Não conhecem o respeito ao espaço do outro e não conseguem lidar com outras pessoas sem invadir o seu espaço.

Hoje temos que lidar com uma escola sobrecarregada de diversos problemas. Explicar o conteúdo das aulas já esta quase em segundo plano, pois antes temos que entender e conhecer os nossos alunos, saber lidar de forma diferente com cada sala para só depois nos

preocupar com o conteúdo das aulas. Alcançar os objetivos da escola esta cada vez mais difícil, o ano letivo se tornou pequeno diante de tantos desafios.

A desestruturação familiar tem sido discussão constante em meios de comunicação, por exemplo, a ser um dos motivos para toda essa violência escolar desenfreada. O aumento elevado da população fez crescer o número de pessoas desempregadas, falta de moradia o alcoolismo, separações e outros.

A família tem que lidar com todos esses obstáculos e educar uma criança dentro desta realidade tem se tornado cada vez mais difícil. A criança por sua vez se depara com tantos problemas que elas não compreendem, às vezes são submetidas a sistemas de maus tratos, vêem os pais se agredindo, vivem em ambientes de total desrespeito sem limites, falta amor, carinho, atenção, e desse modo tornaram-se crianças que não conseguem ou não sabem como expor os seus sentimentos de afeto e respeito pelas pessoas. São tão acostumados aos maus tratos que transmitem isto para os colegas e professores no ambiente escolar como se fosse algo normal.

Uma pesquisa feita por Eliana Candido em Cuiabá, MT, mostra exatamente o que estou falando. "... o aluno é violento na escola porque a família é desestruturada. (...) desemprego, falta de amor, falta de dialogo, impaciência, falta de limites, alcoolismo, drogas e separações." (p.07).

Contornar esses problemas e realizar um trabalho que faça a diferença na vida dessas crianças tem se tornado um desafio para a escola e seus profissionais. Por mais que a escola desenvolva projetos para melhorar o relacionamento com o aluno torna se inútil, pois é para a casa desestruturada que a criança volta no fim do dia. É claro que não cabe apenas a escola resolver estes problemas, mas a sociedade como um todo, que deve se reunir e decidir o que deve ser feito em cada diferente problema que aparecem na escola. Ter pessoas e lugares preparados para ajudar a família a se recuperar e encontrar o sentido da palavra família, resgatar laços de afetividade.

Trazer para dentro da escola a família dessas crianças, mostrar aos pais o quanto é importante a participação dela na vida de seus filhos. Fazer palestras com grupos de voluntários que se disponham a ir à escola falar de diversos assuntos para a família dessas crianças. Não se pode garantir sucesso em todos os casos, mas com projetos sociais que envolvam toda a comunidade podemos pelo menos diminuir um pouco os casos de violência e indisciplina.

Abramovay 2004, faz um relato importante sobre o quanto essa violência sem limites tem interferido no objetivo da escola ela afirma que.

“Mesmo que a violência nas escolas não se expresse em grandes números e apesar de não ser no ambiente escolar que aconteçam os eventos mais violentos da sociedade, ainda assim, trata-se de um fenômeno preocupante. Preocupa porque afeta diretamente agressores, vítimas e testemunhas dessa violência e, principalmente, contribui para romper com a idéia da escola como veículo, por sua excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência (ABRAMOVAY, 2002,p.26).

Deste modo, a escola passa a não ser mais um lugar seguro para quem a frequenta. Ela perde o seu espaço, que antes era de educação, de respeito, de formação de caráter, de integração social entre crianças e adolescentes de diversas classes e culturas e a passa a ser de insegurança, de medo por não saber como lidar com essa situação. Todos se tornam reféns da violência que os rodeia.

Na maioria das vezes o que acontece no meio destes casos não é a aproximação, mas pelo contrário todos se distanciam. Não só por parte do professor, mas também dos alunos e os profissionais da comunidade escolar de um modo geral, todos se afastam agravando ainda mais a situação, pois se aproximar desses alunos vai se tornando cada vez mais difícil. Com isso a criança vai se sentindo cada vez mais rejeitada dificultando o seu convívio com as outras pessoas. Precisamos compreender que muitas coisas feitas por estas crianças são apenas reflexos do que elas vivenciam no seu dia a dia, em seu lar. Elas precisam conhecer limites, mas de forma educada e gradativa, um passo a cada vez.

A escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações entre alunos, professores, diretores e demais membros da equipe técnica que favorecem ou não os processos informativos e de comunicação na escola (ABRAMOVAY, 2002 p.33).

Não podemos virar as costas para o problema, pois a escola tem como obrigação levar os seus alunos a desenvolverem os seus conhecimentos e ensina-los a viver em sociedade. A maior beneficiada com esta melhoria será a própria escola que não teria mais casos de violência tão explícitos com tanta frequência e, seus alunos, bem como todo o seu corpo docente poderiam desfrutar de um lugar onde todos podem dar suas opiniões e respeitando as dos outros, a escola pode nos propiciar mais relações pessoais com pessoas de varias

culturas, raças, e classe social, dividindo experiências que uns podem oferecer aos outros, todos se respeitando é claro.

Ignorar os fatores da violência é o mesmo que dar ao aluno a chance de ignorar que existe o diálogo a comunicação de que nos faz seres racionais, capazes de pensar e agir através de bons atos e palavras. Segundo Abramovay (2002), sobre as regras e a punições cabe a direção da escola, em conjunto com os professores e grupos de pais e alunos, discutir a melhor “punição” para os conflitos vivenciados naquela escola. Lembrando que não se pode extrapolar no castigo, Abramovay lembra que; “Há escolas que adotam castigos alternativos, que podem ser tão ou mais severos que os habitualmente utilizados, pois podem levar á situações de humilhação e constrangimento. Vários alunos reclamam da falta de critérios e de abusos de poder por parte da escola na imposição de punições: (p.35)”.

Castigar os alunos de forma humilhante não é a melhor saída, pois pode acontecer de deixar o aluno ainda mais irritado e induzi-lo a novas formas de desobediência. Buscar conhecer o aluno, sua história, quais são as suas maiores carência e o lugar onde eles vivem pode se tornar um aliado da escola e ser a melhor saída, pois só assim saberemos como são os alunos com quem convivemos diariamente, com toda certeza esta não é uma tarefa fácil para a escola, já que esta possui inúmeras preocupações.

Abramovay (2002) cita um bom exemplo de uma escola situada em Cuiabá onde, apesar da vizinhança violenta, se conseguiu bons resultados com um trabalho adequado, voltado a realidade daquele lugar:

...com vizinhança considerada perigosa, mas relativamente segura. Os alunos que freqüentam são moradores do bairro, assim como a direção da escola. Os alunos percebem que o colégio é um espaço de socialização onde as relações de afetividade são construídas e vivenciadas entre professores e alunos, direção e coordenação. A direção garante o controle rígido de pessoas estranhas no estabelecimento (ABRAMOVAY, 2002, p.71).

Com estes exemplos, podemos perceber que existem formas de melhorar o ambiente da escola sem ter a sombra da violência pairando no ar. Temos que observar também que cada pessoa tem a sua individualidade, e é através delas que ás conhecemos. Os diversos problemas vivenciados pela sociedade causam em cada individuo reações diversas, que não podem ser tratadas por igual, e nesta hora a colaboração da família é indispensável. Os pais precisam compreender que nem eles nem a escola, sozinhos são capazes de educar as crianças. Tem que haver uma harmonia entre as partes para obter bons resultados, e isto só

será possível se houver colaboração de todos. Segundo a pesquisa de Abramovay, existem casos de escolas que com um pouco de vontade e colaboração da comunidade aumentaram e melhoraram as relações com os membros comunidade escolar, a autora referindo a sua pesquisa afirma que:

Os alunos têm ambiente de amizade e respeito, por isso, ajudam na conservação do colégio. A segurança da escola é de ótima qualidade, como enfatizam os alunos. Nessa escola, há um grêmio organizado, e cada turma possui um representante e um suplente, além de um professor conciliador da turma que representa o colégio na reunião de pais. Os professores, também, manifestam esse sentimento incorporando seus próprios filhos na comunidade escolar (ABRAMOVAY, 2002, p.71).

Como se pode perceber, a escola precisa escutar os seus alunos, envolvê-los no cotidiano da escola, ouvir o que eles têm a dizer, sobre o que sentem falta. Através disso, rever os seus conceitos. Nos dias de hoje as coisas se renovam dia após dia e a escola precisa estar atenta a essas mudanças. Os jovens gostam de novidades e a autora ressalta o seguinte: “Os jovens consideram que estão sobrecarregados com tantas matérias, sendo que outros temas e cursos que lhes interessam não são oferecidos pela a escola.” (p.38)

E a autora continua sua reflexão ao relatar na sua pesquisa que;

...os dados apontados pelos alunos trazem à tona a discussão sobre a atribuição de culpas e responsabilidades no processo educacional, chamando a atenção o fato de que, enquanto eles se reconhecem sem interesse e como causadores de problemas disciplinares, os professores por sua vez, não se sentem responsabilizados pelo fracasso escolar atribuindo a culpa aos alunos e as suas famílias, bem como as precárias condições de trabalho.(ABRAMOVAY 2002,,p.38).

Como podemos perceber, a escola está cheia de críticos: os alunos reclamam dos professores, o professor dos alunos, os pais da escola. Isto nos mostra uma falta de interação entre as partes envolvidas e desinteresse em agirem. Os alunos reclamam da metodologia utilizada pela escola, mas não buscam os seus interesses, não dizem o que precisam e o que seria proveitoso. Os professores não ajudam os alunos a conseguir o que eles desejam, a buscar melhorias a fazer reuniões para procurar de que os alunos mais sentem falta. A escola tem meios para lutar por isso, não mostram estar interessados em mudanças, os pais por sua

vez não participam do convívio escolar de seus filhos, estão sempre cansados sem disposição em ajudar. É um conjunto de fatores que vai e vem sem ligações diretas e precisas.

Os professores por sua vez ao se depararem com tantas situações difíceis ficam desesperados sem saber como agir, muitos estão há anos na profissão e muitas vezes não conseguem lidar com estas situações. Com os professores recuando o problema só se agrava, fazendo com que muitos fiquem realmente perdidos.

Ressaltamos, assim, que embora a maioria dos autores referenciados neste trabalho destaquem e enfatizem, prioritariamente, os reflexos da violência na vida dos discentes, os professores também estão sendo vitimados por ela. Como pode ser comprovado através dos depoimentos coletados, são cada vez mais comuns as desistências, os pedidos de demissão e a evasão em virtudes da violência. (...) A grande maioria dos professores ouvidos concebe o fenômeno da violência escolar como um prolongamento da violência presente na sociedade como um todo (LOPES e GASPARIM 2003, p.08).

Os professores não podem ser esquecidos dentro destes assuntos, pois como sabemos, eles também fazem parte deste ambiente, e seus relatos sobre o que acontece na escola se torna de suma importância para melhor compreensão dos conflitos que nela acontecem. Eles também ajudam a compreender como se dá a relação entre eles e seus alunos, e como tem sido a convivência entre ambos.

2.1 Professor x Aluno

Como foi possível perceber a relação aluno x professor não tem sido fácil. Há entre ambos uma falta de cumplicidade e de respeito e é claro que a falta de interação é um grande problema. São pessoas que convivem todos os dias e não conseguem manter uma relação de amizade nem de companheirismo uns com os outros.

A falta de comunicação entre professores e alunos causa nos estudantes, muita revolta, independentemente da idade ou da série em que se encontram. É possível que essa atitude afete a auto estima dos estudantes que não aceitam ser ignorados. Há uma forte crítica aos professores cuja preocupação se restringe ao repasse de conteúdo, sem interesse em interagir com a turma (ABRAMOVAY, 2002, p.39).

A maioria dos alunos está farto da forma em que se encontra a sala de aula e a sua relação com o professor, eles não querem mais aulas sem interação, pois acreditam que eles são partes da escola e podem participar das aulas e não apenas assisti-las. Segundo Abramovay (2002), os alunos entendem estes fatos como desinteresse dos professores na hora das aulas, pois segundo ela os alunos gostam de se sentirem valorizados.

Os alunos valorizam professores que os incentivem a continuar seus estudos, mostrando-se interessados neles, preocupando-se com o seu desempenho, dando conselhos, dialogando e sendo amigos.

A atenção e o diálogo são ressaltados pelos alunos, criando momentos de descontração nas aulas, facilitando a aproximação entre eles. Dialogar, para os alunos, significa tratar os assuntos que despertam o interesse deles, conversar, trocar opiniões sobre as principais decisões a serem tomadas nas escolas. (ABRAMOVAY, 2002, P.39).

Muitas vezes a relação aluno x professor é prejudicada pelo próprio aluno que não participa das aulas, conversa, não realiza as tarefas, levando o professor a se desinteressar por esta relação. Temos também que observar o ponto de vista dos alunos como foi possível observar na fala de Abramovay (2002) citada acima, pois os alunos dão sinal de que a escola pode chamar a atenção deles se colocá-los em primeiro lugar dando espaço para que estes participem das decisões da escola, de modo que as aulas sejam mais atrativas.

Sabemos que o professor tem contato com diversas turmas durante a semana e que a grande maioria delas age da mesma forma, com muita bagunça fica difícil o professor lidar com todos e conseguir sempre uma boa relação, mas como citamos anteriormente, o professor pode, pelo menos, tentar diminuir os índices de bagunça dentro da sala de aula, para isso ele precisa conhecer os seus alunos, perceber do que eles sentem falta. O diálogo vai, aos poucos trazer, a interação e, conseqüentemente, o respeito voltará à sala de aula.

O aluno de hoje precisa perceber que ele é importante para a escola, que suas opiniões são valorizadas e a escola por sua vez precisa compreender que os alunos são partes da escola e que eles também têm os seus direitos dentro desta instituição, e não apenas deveres. Os alunos se queixam muito da falta que faz a participação deles nas decisões da escola e principalmente a forma com que alguns professores, diretores ou outros membros da escola lidam com as regras que eles mesmos desenvolveram para o melhor andamento da escola. A pesquisa feita por Abramovay (2002), mostra que os alunos criticam a falta de respeito às regras por parte dos integrantes do corpo docente da escola. Basta vermos o que diz o depoimento de um aluno; “[...] eles próprios [os adultos da escola] quebram as regras: “É

porque eu sou diretora. Eu posso fumar". Ai ela vai e acende o cigarro dela, [mas] eu não posso". (p.34).

Como podemos observar os alunos tem as suas razões em reclamar da postura dos adultos diante das regras que estes mesmos criaram para o ambiente escolar no qual eles os professores estão inseridos. Na concepção do aluno e também na nossa, se é regra deve ser seguida por todos da escola. De certa forma deveria ser seguida com mais rigor pelos os adultos, pois são eles que deveriam dar o exemplo e não as crianças, quebrar estas regras é o mesmo que dizer a estes alunos que eles também podem descumprir as regras temos que observar bem as nossas ações para não dar maus exemplos a essas crianças. Segundo Aquino (1996), temos que lembrar que a escola é uma instituição de todos e para obtermos bons resultados temos que ser parceiros, andar do mesmo lado e lutar a favor dos mesmos objetivos.

A saída possível esta no coração mesmo da relação aluno – professor, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar. Afinal de contas, o lugar de professor é imediatamente relativo ao de aluno, e vice – versa. Vale lembrar que, guardadas as especificidades das atribuições de agente e clientela ambos são parceiros de um mesmo jogo. E o nosso rival é a ignorância, a pouca perplexidade e o conformismo diante do mundo. (AQUINO, 1996, p.50).

Como vimos à interação, a afetividade o carinho e o respeito é para Aquino, o aspecto fundamental para se obter uma boa relação entre professor e aluno. Já que estes vão ter que conviver no mesmo ambiente dividindo a experiência de ensinar e aprender, ambos precisam aprender a viver em conjunto, só assim será possível colher bons frutos desta relação, que se faz necessária para o futuro dessas crianças no convívio social bem como ter melhores oportunidades em um futuro que é próximo e lutar de igual para igual com outro cidadão, pois segundo Abramovay (2002), a escola deve ser vista pelo aluno como um portal para o futuro abrindo oportunidades na sua vida profissional.

A escola, para os estudantes, pode ser vista como uma via de acesso ao exercício da cidadania ou ao contrário, como um mecanismo de exclusão social. Na primeira perspectiva a escola, a educação e o processo de ensino aprendizagem funcionam como uma espécie de salvo-conduto moral, um passaporte para a entrada na sociedade. ... o estudo é cada vez mais um requisito para o acesso às oportunidades de trabalho e neste ultimo, sem duvida, é condição essencial à sobrevivência humana (ABRAMOVAY, 2002, p.42).

São essas as visões que os alunos devem ter das escolas, um lugar que vai abrir as portas para que seu futuro seja de sucesso, e não de violência e delinquência. Na escola a convivência deve ensinar a eles o respeito aos seus semelhantes, mesmo que estes tenham opiniões diferentes das deles. Eles precisam aprender a respeitar o espaço do outro, diante de qualquer situação. A escola por sua vez precisa resgatar o seu valor, e fazer com que as crianças desde o ensino fundamental vejam-na como um espaço propício para compartilhar os seus conhecimentos, onde pessoas de diferentes espaços culturais se reúnam para aprender a viver em sociedade, um lugar que proponha o diálogo aberto sobre diversos temas presentes na vida cotidiana desses pequenos cidadãos que necessitam de orientação para entender este mundo tão complexo.

2.2 A falta de segurança, as gangues e o tráfico no espaço escolar.

Como bem sabemos nos dias de hoje, a violência já alcançou todos os lugares da sociedade, a mídia por sua vez não nos deixa mentir. A cada dia que passa temos relatos de novos casos que vão cada vez mais aumentando as suas formas de agressividade. Sabemos também que a falta de segurança tem colaborado e muito para estes casos, e no espaço escolar não tem sido diferente, a falta de segurança tem sido motivo para vários fatores de violência na escola, segundo a pesquisa de Abramovay (2002), realizada em algumas capitais do Brasil este assunto tem sido causa de muitas discussões já que cada um tem uma postura diferente a respeito da presença da polícia no entorno das escolas, pois cada um tem visão a respeito da imagem do policial.

... alguns entrevistados (inspetores) defendem a presença da polícia para conter a marginalidade no entorno. Outros (alunos) afirmam que a escola deve resolver seus problemas relacionados à violência sem contar com a polícia. Para os alunos a polícia não é merecedora de confiança. A relação entre alunos e policiais é delicada, principalmente porque alguns alunos dizem temer os policiais. Alguns policiais, por sua vez, dizem que os alunos os respeitam. (ABRAMOVAY, 2002, p.30).

Deste modo fica difícil saber como resolver esta situação, mas é possível perceber que precisamos fazer algo a respeito, o entorno da escola é um problema social que atinge

toda a sociedade e deve ter acompanhamento de pessoas especializadas que saibam lidar com estas situações que fogem do controle da escola, é nestes momentos de verdadeiro tumulto que as crianças ficam vulneráveis ao que acontece ao seu redor. Crianças cada vez mais novas têm se envolvido com um dos grandes problemas da sociedade moderna que é as drogas, e os traficantes usam para chegar até a essas crianças, o entorno das escolas, não só para vender para eles bem como para encontrar crianças e adolescentes dispostos a vender as drogas dentro da escola, aumentando ainda mais o clima de insegurança e violência dentro das instalações da escola.

Abramovay (2002), diz que: “Segundo estudantes e corpo técnico-pedagógico, um dos maiores problemas, em muitas escolas, são as gangues e/ ou o tráfico de drogas no espaço escolar ou no entorno, levando ao extremo o clima de insegurança” (p.31).

É claro que sabemos que é difícil lidar com todos estes problemas, mas virar as costas para ele com certeza não será a melhor solução, por este motivo é necessário à participação de toda a sociedade. A maioria dos problemas da escola deve necessariamente ser tratada de fora pra dentro, e é claro que só o grupo escolar não irá conseguir resolver estes problemas, pois como vimos eles vão além da sala de aula e dependeria da participação de toda a sociedade.

A saída da escola é sempre muito tumultuada, cada aluno segue o seu caminho e é neste momento que a maioria das gangues se encontra e aí fica difícil controlá-los ou perceber o que está acontecendo de anormal em cada lugar às vezes quando se percebe o pior já está acontecendo. Infelizmente essas brigas em alguns momentos atingem quem não tem nada a ver com o assunto ou com as rivalidades que são hoje cultivadas entre os jovens de diferentes escolas, ou mesmo da mesma escola.

Há, também, rivalidade entre estudantes de diferentes escolas e de diferentes bairros. Existe, ainda, demarcações de lugares apropriados como os “nossos” e os dos “outros”. Essa delimitação a rivalidades e brigas entre diversos grupos: A gente mora aqui (...) a gente não pode passar para o outro lado, (...) os de fora não podem entrar. (ABRAMOVAY, 2002, p.52).

Esses aspectos de violência entre os jovens dificultam a convivência deles mesmos na escola, ferindo o direito do cidadão de ser livre, de se comunicar com todas as pessoas, que pertencem a uma mesma cidade, mas na tentativa de não sofrer conflitos com grupos até

então considerados rivais deixam de interagir com outras pessoas para não se envolver em brigas indesejáveis.

2.3 Brigas ameaças e armas.

Não podemos falar do ambiente da escola e não lembrar das brigas, elas já se tornaram parte do cotidiano escolar, e tem acontecido com mais frequência do que imaginamos, segundo Abramovay (2002), essas brigas são pelos motivos mais diversos e banais, ela afirma que; “Briga-se por futebol, lanche, notas, por causa de apelidos e tomada de objetos de uns dos outros. O olhar direto, “encarar”, é visto como desrespeitoso e desafiador e pode levar a confrontos.”(p.51).

Como podemos observar os alunos acham diversos motivos para brigar uns com os outros, a violência para eles se tornou algo comum do seu cotidiano, observamos na afirmação da autora que não se pode nem “O olhar direto” para alguns alunos, pois eles já acreditam ser um desrespeito, dando a entender que estes tais alunos se tornaram meio que “donos” da escola, ditam as regras e botam medo em todos do colégio, e quando os outros alunos passam por eles não podem nem olhar, ou seja, tem que andar de cabeça baixa para evitar provocações. Já não se pode mais viver em comunidade com os alunos, eles se dividem em grupos com afinidades diferentes dentro mesmo da própria sala, incentivando ainda mais as “brincadeiras” e por consequência a violência.

As brigas representam uma das modalidades de violência mais frequentes nas escolas, abrangendo desde formas de sociabilidade juvenil até condutas brutais. Esse tipo de agressão entre alunos manifesta-se inicialmente, por ataques verbais proferidos pelos mesmos. É quando se torna difícil estabelecer demarcações precisas entre tipos de violência, como brigas e ameaças. (ABRAMOVAY, 2002p. 51).

Como podemos observar não só as brigas, mas também as ameaças são consideradas uma forma de violência não física, mas sim psicológica. Esta forma de violência também traz grandes transtornos para a vida da pessoa que sofre este tipo de agressão, pois o deixa mais impaciente, com medo de encontrar o seu agressor, e que, ao encontrá-lo a agressão, desta vez, se realize de forma física:

A primeira modalidade de violência contra pessoa consiste em ameaças, ou seja, promessas explícitas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral, a liberdade e/ou bens de outrem. As ameaças podem ocorrer entre alunos e entre os membros do corpo técnico-pedagógico, como também, podem ser dirigidas a pais e funcionários. (ABRAMOVAY, 2002 p.50).

As ameaças como dizíamos tira a liberdade da comunidade escolar como um todo, deixa as pessoas apreensivas vivenciando um clima de total insegurança e impotência diante de algo com o qual eles não sabem como lidar. O pior é que isto acontece em um ambiente que deveria ser de respeito, amizade e colaboração. Abramovay (2002), afirma em sua pesquisa, que a maioria dessas ameaças não são direcionadas aos alunos e sim ao corpo docente da escola, e elas ocorrem pelos seguintes motivos: “A maioria das ameaças aos professores pelos alunos é ocasionada por notas e pelas falhas disciplinares na sala de aula: O professor se ele não for um pouco bonzinho (...) acaba se machucando: se o professor for exigente em tudo ele se machuca” (p.50).

O professor perdeu a sua autoridade dentro da sala de aula e até no momento da avaliar os seus alunos ele se depara com dificuldades, que os deixam numa situação difícil sem saber que decisão tomar, sem ter a quem recorrer. Um outro agravante a violência na sala de aula, é o porte de armas, elas ajudam os agressores a intimidar as suas vítimas, e coloca-las em uma situação de submissão, pois não tem como reagir diante de uma situação dessas, neste momento se espera o pior acontecer, pois alguém que tem coragem de ameaçar e coagir com uma arma seja ela de fogo ou arma branca, tem a coragem de ferir fisicamente a sua vítima.

Quando pensamos que alunos em fase de pré – adolescência são capazes de cometer atos ilícitos com porte armas já ficamos assustados, mas quando falamos destas ocorrências no ambiente escolar torna se ainda mais assustador, pois um aluno que tem a coragem de portar uma arma de fogo ou arma branca, que fere e mata uma pessoa. O que assusta e a facilidade com que eles conseguem estas armas. E é claro fica difícil acreditar que eles não têm coragem de agredir uma pessoa ou que esta não era a sua intenção ao andar com um desses objetos em lugar que até em tão era para ir e receber educação. “alunos e alunas dos três municípios comentaram a facilidade para se conseguir uma arma, às vezes acessível na própria casa, ao alcance de crianças e adolescentes, ou em outros lugares”.(Nyjaime e Minayo, 2003 p.02).

Como podemos observar na pesquisa feita pelas autoras, as armas, mesmo oferecendo um grande risco a sociedade, continuam presentes e a facilidade de encontrá-las e até mesmo em obtê-las aumenta ainda mais a proporção do problema, pois torna-se impossível combater já que onde menos se espera o adolescente consegue encontrar uma arma de fogo. Já as armas brancas estão presentes em todos os lares e sem nenhuma fiscalização por parte dos pais.

Podemos perceber, nestes casos, certo acomodamento a respeito dos fatos por todos os membros envolvidos desde o poder político até os membros da escola. Todos de uma forma geral parecem não se preocupar com a realidade da escola bem como da sociedade, dizer que não há mais saída e cruzar os braços, fingir que nada de grave está acontecendo só aumenta mais o problema, as iniciativas já deveriam ter sido tomadas para não chegar à situação em que estamos hoje tendo de nos preocupar com alunos que levam armas para a sala de aula. É claro que isso é lamentável diante de toda a nossa sociedade.

Como instituição que congrega um contingente de crianças e adolescente e que reproduz a dinâmica da sociedade, a escola precisa ser um espaço em que a questão da prevenção à violência deve ser considerada junto aos educadores, pais, alunos enfim, junto à comunidade escolar como um todo, no sentido de multiplicar ações que possibilitem o reconhecimento da situação e trabalhem em prol dessa mudança. A temática da violência não pode ser trabalhada isoladamente, haja vista que afeta a todos, portanto, deve ser um trabalho coletivo. (MORAES, AZEVEDO e TEIXEIRA, 2005 p.12).

Deste modo percebemos uma importante forma de como devemos trabalhar a questão da violência em nossas escolas, sempre pensando no conjunto que rege a escola e não apenas em grupos isolados. Como já falamos outras vezes é importante perceber o quando é boa a participação dos alunos na comunidade escolar, não podemos deixá-los de fora de novo conceito de escola. Precisamos entender que a profissão de professor estará sempre ligada à relação direta com o aluno e a melhora dessas relações só irá acrescentar ao cotidiano da escola. É o aluno bem como a família deles irá perceber que a escola está disposta a ajudar e a acrescentar coisas novas na vida desses alunos.

III Capítulo

Levantamento sobre violência em algumas escolas Estaduais e Municipais de Pontes e Lacerda, MT.

De acordo com o tema em que nos propomos a estudar “Violência nas Escolas”, realizei, em (04) quatro escolas, sendo (03) três estaduais e (01) uma municipal, dentro da cidade de Pontes e Lacerda, um breve levantamento sobre o assunto em questão.

Uma das primeiras dificuldades encontradas no desenvolvimento da pesquisa foi falar com os professores. Todas as escolas procuradas se negaram a responder o questionário que eu propunha, ouvimos sempre frases do tipo, “não temos tempo, volte amanhã ou semana que vem”. Quando chega há outra semana é do mesmo jeito novamente a mesma desculpa e a impressão que nos dá é que a escola tem medo de ser julgada sobre o que acontece no seu interior.

E é claro que esta postura atrapalha a realização desde simples levantamentos a respeito do assunto, bem como pesquisas bem elaboradas, que buscam compreender o que esta acontecendo além de dar sugestões para supostas soluções destes problemas. Parece que quanto mais problema a escola tem mais ela se fecha para a sociedade, como se seus problemas fossem diminuir diante desta atitude.

Diante da dificuldade encontrada para realizar a pesquisa, decidimos que faríamos apenas um levantamento dos dados, deste modo foram elaboradas (09) questões sobre o que gostaríamos de saber a respeito do dia a dia das escolas e realizamos entrevistas nas escolas visitadas, com professores coordenadores e diretores das escolas.

Em algumas escolas encontrei mais resistência que em outras, quando mencionava o assunto a ser pesquisado. Em uma determinada escola quando cheguei e perguntei quem era a diretora ela sequer me atendeu. Quem se apresentou foi à coordenadora que ouvindo o que eu tinha a dizer e argumentou: “preciso conversar com a diretora e ver se será possível”. Esta por sua vez, mesmo estando no mesmo ambiente não se manifestou, nem se quer levantou a cabeça, praticamente me ignorou. Ficou combinado que eu voltaria no outro dia, para falar com ela.

No dia seguinte fui recebida na escola pela diretora e pela coordenadora, que permitiram apenas uma entrevista, na qual foram apresentadas (09) nove questões. O mais surpreendente foi a forma com ela responderam as minhas perguntas, pois a impressão que passava era de que elas tinham combinado o que responder. Quando uma falava a outra só

balançava a cabeça e em nenhum momento se aprofundaram no assunto nem me descreveram com naturalidade o que acontece no dia a dia da escola, e em um momento chegaram a entrar em uma pequena contradição em relação a duas questões.

Quando perguntei como era no dia a dia e a relação entre alunos x professores, uma delas respondeu o seguinte; “Tem sido boa, os alunos não são totalmente obedientes, mas eles até que respeitam bastante, não dão tanto trabalho” (relatos da coordenadora e diretora).

No entanto, quando perguntei se tinha casos de professores agredidos fisicamente ou psicologicamente a resposta foi; “já, tipo empurrões e tapas. Temos também bastante xingamentos e palavrões, tem sempre um engraçadinho para destratar os professores” (relatos da coordenadora e diretora). Se antes afirmaram que a relação era boa, como pode haver esse tipo de coisa, um bom relacionamento não é marcado por agressões sejam elas físicas ou psicológicas. Não fica claro porque, mas podemos perceber que por algum motivo a escola se cala diante desses casos, e eles passam por despercebidos como se fosse algo comum ou normal.

Na maioria das vezes, a escola não sabe o que fazer diante deste quadro e cada um se sustenta como pode. Os papéis e as responsabilidades ficam fragilizadas e comprometidas diante da violência que os alunos e professores manifestam e na necessidade e desejo daqueles que, por vezes, não ousam falar ou não praticam o exercício de uma fala significativa. (OLIVEIRA e MARTINS, 2007. p 12 a 13).

É claro que podemos perceber que a escola esta fragilizada com toda essa violência e indisciplina vivenciada no seu dia a dia, mas quando perguntei se elas achavam que os pais tinham culpa nessas atitudes dos alunos a resposta foi; “Sim com toda certeza essas crianças violentas e indisciplinadas não tem limites os pais não impõem nada a eles, pois estes desconhecem o respeito pelo espaço do outro os pais recompensam a falta de presença na vida do filho realizando todas as suas vontades outros (filhos) vivem em casas onde os pais brigam se agridem e não se respeitam é difícil quando o caso é este.”

Deste modo podemos perceber que a escola não se sente nem um pouco responsabilizada com o que acontece em seu interior, pois acredita que esses casos são apenas reflexos do que acontece no lado de fora, e neste caso dificulta-se ainda mais as tentativas de diminuir a violência na sala de aula, pois todos se retiram do problema e este é claro, fica sem solução ou até mesmo explicação.

Outra questão que chamou muito a atenção em todas as escolas visitadas foi a fala deles sobre a participação dos pais na escola. Todos relataram um grande desinteresse por parte dos pais, sobre o que acontece com os seus filhos na escola, pois muitos não comparecem nem quando são chamados. Segundo a coordenadora de uma escola estadual, o que acontece é que;

“na maioria das vezes dizem estar atrasados, ou que não tem tempo mesmo, ou às vezes dizem, “olha professora vê o que a senhora pode fazer aí, pois eu já não sei mais o que fazer com esse menino (a)”. Outros nem aparecem, desligam os celulares dificultando ainda mais o nosso trabalho. E nesse momento o aluno sente que pode fazer o que quiser, pois ninguém se importa com o que ele faz” (relatos da coordenadora da escola).

É claro que este tipo de atitude não é viável para a escola, nem para os estudantes, o que se espera da família é no mínimo a preocupação com seus filhos, se não há esta participação, à escola fica ainda mais perdida sobre que atitude tomar diante dessas situações extremas. E é claro que os tais alunos “baderneiros” vão ganhando cada vez mais espaço no ambiente escolar e sentem que podem fazer tudo o que quiserem, pois nem a família liga mais para as suas atitudes. Segundo a coordenadora de uma das escolas, o descaso por parte dos pais acontece mesmo nos casos mais graves e ela nos dá um exemplo ao relatar um acontecimento em sua escola;

Neste ano tivemos um caso, uns alunos se desentenderam, mas neste dia não passou de uma discussão, no dia seguinte ficamos sabendo que um dos alunos estava armado com uma faca, fomos até a sala dele para verificar e encontramos na bolsa dele envolvido com um pano de prato uma faca enorme muito afiada que estava até brilhando, quando o questionamos do porque da faca ele foi muito claro ao dizer, “é para resolver problemas meus”. Quando falamos que íamos ligar para o pai dele, ele retrucou dizendo “então liga na delegacia meu pai é policial, ele vai me levar embora daqui”. E ele tinha razão o pai dele chegou e nem quis saber o que aconteceu disse que era problema dele e ele resolvia. No outro dia pediu a transferência do filho (relatos da coordenadora de uma escola).

Diante desse relato podemos perceber que algumas atitudes dos alunos, por mais absurdas que sejam, contam com o silêncio dos seus pais que de certa forma acobertam as atitudes violentas que seus filhos tomam. E quando os pais agem desta forma eles tiram toda a possibilidade da escola tentar entender o que aconteceu no seu ambiente e o aluno “agressor” sai impune e leva para outra escola a suas formas agressivas sem nenhum problema em cometê-las de novo.

É difícil acreditar que a escola, lugar de aprendizado, se tornou palco dessas ações tão violentas, e que encontrar armas brancas nas bolsas dos alunos se tornou tão comum mesmo em escolas do interior como a da nossa cidade. E o pior é claro, é o silêncio que tomou conta de toda a sociedade de um modo geral, que não busca formas alternativas para diminuir essas ações. Uma das escolas que visitei me apresentou a sua lista de projetos que tem como objetivo aumentar a interação entre alunos x escola x professores.

Estes projetos acontecem em horário inverso aos das aulas, e segundo a coordenadora os resultados tem sido muito bons, os portões ficam abertos o dia todo e são raros os casos de alunos que matam as aulas. Segundo a coordenadora, eles se sentem mais responsáveis, pois sabem que não podem sair antes do fim das aulas, mas mesmo assim eles permanecem na escola. Os alvos desses projetos são os alunos que apresentam dificuldades de interação e problemas com brigas dentro e fora da sala de aula. A coordenadora da escola afirma que:

Olha os projetos tem nos ajudado muito, principalmente a conhecer os nossos alunos, pois lá no projeto eles se soltam mais dão à chance de nos conhecer eles os seus problemas ou porque agem de forma diferente na sala de aula, tudo o que acontece lá é passado para os professores em reuniões mensais, eles usam o que sabem dentro da sala de aula para tentar melhorar o seu relacionamento com os seus alunos alguns até freqüentam o projeto em que seu aluno esta participando como voluntário e garantem que tem sido muito bom.

Seria mais proveitoso se houvesse a participação dos pais muitos deles nem vão às apresentações dos seus filhos, acredito que as crianças se sintam meios que abandonados já que alguns alunos têm a participação direta de seus pais em tudo que fazem. Se os pais não participam vai indo ele desiste de fazer parte do projeto, isso é muito triste pra nós, pois já tivemos casos assim, de alunos que estavam indo muito bem no projeto, tinham melhorado muito nas aulas no convívio com os colegas, mas aos poucos foram se desinteressando e acabaram saindo de vez, os colegas sempre comentam o que acontece e dizem que eles estavam envergonhados pela falta dos pais nas apresentações, eles só querem ser notados por eles, se sentirem importante. (relatos coordenadora da escola).

Com isso percebemos claramente que a falta dos pais na vida escolar dos seus filhos faz sim toda a diferença; mesmo quando estes não expõem seus desejos a todos, sentem falta da presença deles em seu cotidiano. Sabemos também que a família moderna tem pouco tempo para dedicar a seus filhos já que hoje a grande maioria das mães trabalham fora, mas mesmo assim sabemos da importância da presença delas na vida de seus filhos. Hoje com toda essa violência e indisciplina rondando a escola não podemos nos dar ao luxo de deixar por conta somente da escola, pois acaba sobrecarregando o sistema de educação que sem a colaboração dos pais se perde no meio do caminho, e quando a família e a escola se dão conta, seus filhos e alunos se perderam no meio dessa desorganização, e recuperar o tempo

perdido fica muito difícil, levando em consideração que as crianças crescem e novos desafios vão aparecer.

Participar de reuniões não é o suficiente é necessária à participação em cada passo do aluno durante a cada bimestre seria o ideal, bem como rever notas, comportamentos, e até mesmo se interagir com os projetos da escola ou os quais seus filhos participam. Rever essas atitudes pode de início não ser fácil nem obter resultados imediatos, mas ao longo do ano a sociedade poderá perceber as mudanças na escola e passar a ter uma nova visão a respeito dela. A participação e colaboração das famílias que interadas sobre o que acontece nas escolas podem notar a diferença da sua participação neste ambiente em conjunto com todos os outros membros da escola.

Entende-se que para se autônoma, a escola deve assumir uma proposta pedagógica inovadora, com autonomia relativa para executar e avaliar as propostas dos órgãos centrais que definem as políticas educacionais assumindo nova postura, desenvolvendo iniciativa e possibilitando participação dos diferentes atores sociais nos destinos da educação. Entendam-se atores sociais como todas as pessoas que integram a escola. São eles os: diretores, professores, porteiro, merendeiro, alunos e pais de alunos (MORAES, AZEVEDO e TEIXEIRA p.04).

A grande preocupação da sociedade é a formação de crianças e adolescentes, para que estes estejam preparados para enfrentar os desafios quando ingressarem na vida adulta, mas quando falamos da participação deles neste meio todos saem fora.

A sociedade moderna se diz muito ocupada e nunca estão dispostos a ajudar ou se envolver com os problemas da sociedade. Não podemos deixar que isso continue a acontecer, os educadores juntamente com toda a comunidade escolar, precisam buscar apoio político e exigir os seus direitos e os dos seus alunos, e ir atrás da sociedade para que essa colabore com a escola que ajude quando necessário e que deixe apenas de querer e passe a lutar ao lado de todos pelo objetivo de melhorar a fisionomia da escola, bem como seus recursos metodológicos, espaço físico entre outros.

A escola principalmente a pública, é um bem de toda a sociedade e que faz parte da vida de todas as famílias, pois estão do mesmo lado, buscam sempre a educação, mas sozinha a escola não consegue alcançar nenhum objetivo, tem que ser um trabalho em conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo realizada sobre o tema “violência na sala de aula”, posso dizer que este é um assunto muito complexo e que sofre diversas variações de acordo com o local onde esta instalada a escola e diante da postura dos educadores.

A violência muitas vezes, é definida como uma atitude agressiva com o uso da força física, ou a violência psicológica, que se realiza através de ameaças.

Para Njaine e Minayo (2003), a violência escolar é um reflexo das violências sofridas pela criança na sua família, não de uma forma geral, pois na escola há conflitos próprios do lugar que por muitas vezes causam violências, o que elas dizem é que o convívio com a família desestruturada é um fator importante neste aumento da violência.

A família e a escola têm sido historicamente a base da educação de crianças, adolescentes e jovens e da inserção social desse grupo. A negação do diálogo, as formas de violência física, sexual, moral e psicológica contra esse grupo etário que ocorrem muitas vezes no âmbito intrafamiliar podem refletir na vida escolar sob a forma de comportamentos agressivos ou mesmo apáticos dos alunos, desafiando os educadores para o enfrentamento dessa problemática. (NJAINE e MINAYO,2003 p.12).

As autoras deixam claro que a violência sofrida na família e a falta de diálogo, podem sim interferir nas relações sociais dentro da escola e principalmente no ensino aprendizagem dentro da sala de aula.

Quando falamos na falta de diálogo sobre a questão da violência Oliveira e Martins (2007), garantem que a ausência da palavra colabora para que este fenômeno da “violência” tome proporções cada vez maiores dentro da sociedade que se cala diante de situações extremamente grotescas.

O modo como esse fenômeno se expressa atualmente, aponta para a constatação da ausência da palavra, ausência do diálogo e de uma visão crítica, seja por parte de quem assiste ou de quem vivencia a violência. A escola, a família e os meios de comunicação teriam função extremamente importantes na abertura deste diálogo, mas à medida que as duas primeiras se calam e os meios de comunicação não

param de falar de maneira sensacionalista, a cultura da revolta diante do que choca, do que deveria espantar, transforma-se em cultura do show e do entretenimento. (OLIVEIRA e MARTINS 2007, p.01).

Como podemos perceber as autoras não excluem ninguém da participação social no diálogo sobre a violência e o respeito que se deve ter pelo espaço do outro, a escola, a família e os meios de comunicação deveriam estar juntos nesta luta, mas como notamos não é o que acontece. As autoras ainda criticam os meios de comunicação que ao invés de ajudar o combate à violência fazem com que o problema aumente ainda mais, pois muitas vezes expõem reportagens sem nenhum fator explicativo e reflexivo ao tema, mas como se fossem um “show de entretenimento” como afirmam as autoras acima, deixando a intenção vaga para qualquer conclusão por parte de quem assiste.

A escola precisa recuperar a sua autonomia nas decisões sobre o que é melhor para cada caso dentro da instituição, com propostas inovadoras que fogem do tradicional ao qual o aluno é submetido nos dias de hoje. Segundo Moraes, Azevedo e Teixeira (2005), a escola precisa tomar as iniciativas, se tornar uma instituição que pensa e repensa suas ações, e que a integração de todos os envolvidos com o espaço escolar esteja em primeiro lugar, e que se compreenda que o aluno é um sujeito extremamente importante na vivência escolar. Portanto fica claro que a participação de todos na educação pode ser um ponto de partida para a reconstrução de uma escola bem mais participativa no cotidiano dos alunos.

E, por fim, percebo que ensinar é um ato que precisa de renovação constante sempre com novas perspectivas e novas práticas para conseguir acompanhar a clientela diferenciada que nos chega a cada ano. E posso afirmar que o decorrer das pesquisas para o desenvolvimento deste trabalho monográfico, foi de suma importância para aumentar os meus conhecimentos a respeito das questões que acontecem dentro da instituição escolar, bem como me ofereceu importantes recursos metodológicos que irão me ajudar a lidar com a violência presente no dia a dia das escolas, bem como dentro da própria sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVAY. Miriam. Violência nas escolas/ Miriam Abramovay. Etalii. - Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITAGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CPNq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, Consed, UNDINE, 2002.

AQUINO. Julio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Disponível em: <http://www.sme.salvador.ba.gov.br/> Acesso em Março de 2010.

CANDIDO. Eliana. L. Violência: o que funcionários de uma escola pública de Cuiabá pensam a esse respeito? [need.unemat.br/3_forum/artigos/21.pdf](http://www.unemat.br/3_forum/artigos/21.pdf) Acesso em novembro de 2009.

DE LA TAILLE, Ives. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio R. G. (org). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

GUIMARÃES, Áurea M. Indisciplina e Violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Julio R. G. (org.) Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

LOPES, C. S.; **GASPARIM,** J. L.; Violência e Conflitos na escola: desafios a praticadocente. 2003. Disponível: [http://www.nãoviolenca.org.br/pdf/violenciaeconflictosnaescola\(LopesJGasparim.pdf\)](http://www.nãoviolenca.org.br/pdf/violenciaeconflictosnaescola(LopesJGasparim.pdf)). Acesso em Abril de 2010.

MORAES, C. R. de; **AZEVEDO,** A. M.; **TEIXEIRA,** M. C. S. As diversas formas de violência no ambiente escolar: relatos de uma experiência. 2005. Disponível: <http://www.ucb.br/sites/100/122/00000647.pdf>. Acesso em Maio de 2010.

NJAINÉ, Kathie; **MINAYO**, Maria Cecília de Souza. Violência na escola: identificando pista para a prevenção. 2003 vol.7: disponível: <http://www.sceulo.br/> acesso em junho de 2010.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; **MARTINS**, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicol. Soc.* Vol.19 No. 1 Porto Alegre Jan./Apr.2007.Disponível: <http://www.sceulo.br/> acesso em Maio de 2010.

PAIVA, N. S. G. Uma compreensão sobre a autoridade: seus fundamentos e efeito na relação educativa.2007.Disponível:<http://www.seer.ufu.br/index.php/cadernoshistorias/article/viewarticle/352>. Acesso em Maio de 2010.

REGO, Tereza Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: **AQUINO**, Julio R. G. (org.) *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

Anexos

Questionário apresentado nas escolas Estaduais e Municipal, servindo como base para levantamento sobre violência na sala de aula em Pontes e Lacerda, MT.

- 1- Como tem sido a relação aluno x professor?
- 2- E a relação aluno x aluno?
- 3- A escola tem casos de alunos violentos? Como vocês lidam com a situação?
- 4- Vocês já tiveram casos de professores agredidos fisicamente ou psicologicamente?
- 5- Vocês já tiveram casos de apreender ou ficar sabendo da presença de armas de fogo ou armas brancas dentro da escola?
- 6- Vocês acreditam que a violência ou a indisciplina tem a culpa dos pais?
- 7- Quando os pais são chamados na escola vão de imediato ou se recusam a ir, dão desculpas, dizem estar com pressa?
- 8- Vocês têm uma boa relação com os pais dos alunos?
- 9- A escola tem projetos para melhorar a integração entre os alunos e professores? Quais são eles e tem obtido bons resultados?

ESCOLA MUNICIPAL (COORDENADORA E DIRETORA)

- 1- Tem sido boa, os alunos não são totalmente obedientes, mas eles até que respeitam bastante, não dão tanto trabalho.
- 2- Eles brigam sempre, mas são brigas comuns entre crianças, tipo tapas. Empurrões e chutes, mas nos estamos sempre de olho para não deixar acontecer nada grave com eles.
- 3- Violentos não, alguns casos de alunos mais nervosos que o comum, quando acontece nos comunicamos os pais sobre o que esta acontecendo com o filho dele na escola.
- 4- Fisicamente já tipo empurrões e tapas. Temos também bastante xingamentos, palavrões, tem sempre um engraçadinho para destratar os professores.
- 5- Só estiletes, mas não nas brigas, isso não, só na sala mesmo, mas eles sabem que é proibido o uso deles na escola.
- 6- Em alguns casos sim, mas não só deles de toda a sociedade em geral, onde você olha hoje tem maus exemplos, falta de verbas para boas estruturas, as escolas não são mais atrativas é um conjunto de fatores que influenciam estes casos de violência e indisciplina.
- 7- A maioria vem sempre, mesmo quando não são chamados, vem perguntam como o filho (a) esta, mas tem sempre uns nervosos, apressados ou que nem vem, mandam outra pessoa da família, dizem não poder vir, muitos não aparecem nem para fazer a matricula.
- 8- Sim com a grande maioria.

- 9- Não, projetos não, a única coisa que temos aqui é a fanfarra, mas só para apresentações em datas comemorativas.

ESCOLA ESTADUAL (COORDENADORA DIRETORA E PROFESSORES).

- 1- A relação aluno x professor é da seguinte forma, com alguns é boa e com outros é ruim ou péssima, temos alunos que são verdadeiramente um sonho outros tornam as aulas num pesadelo. Eles batem de frente conosco, gritam mesmo, temos casos de alunos que apontam o dedo no nosso rosto e diz “não faço, não calo, não sento, vem fazer”. Nossa é horrível viver esta experiência a gente a gente fica sem saber o que fazer.
Esses alunos “problemáticos” sempre arrumam um jeito de fazer a maior bagunça na hora das aulas, prejudica muito nosso trabalho, é quem realmente lá para aprender sai sempre prejudicado.
- 2- Temos muitas brigas na escola entre os alunos, “eles estão cada vez mais agressivos, falam muitos palavrões, ameaçam mesmo”. Sem contar às gangues que tem se formado, causando muitas brigas entre os alunos da própria escola, mas os casos piores são quando eles brigam fora da escola, com turminhas de outros colégios, nossa aí as brigas são feias mesmo, partem pra pura violência, esta se criando uma rivalidade muito grande entre eles.
- 3- Temos aqui casos de alunos extremamente violentos daqueles que não se pode nem olhar o que já é um insulto. Tivemos um caso de um desses alunos ele brigou na escola e machucou outro menino e foi para o conselho, ele é um daqueles casos de família desestruturada, quem cuida dele é a tia, os pais segundo ela estão sumidos a anos. Quando o aluno voltou para casa a tia foi chamar a sua atenção dele, ele pegou uma faca e feriu o braço dela, depois ela esteve na escola totalmente arrasada, sem saber o que fazer com o sobrinho, e por incrível que pareça os filhos dela são uns “anjos” não dão o menor trabalho. Quando nos temos esses casos, tentamos levar eles para outro ambiente, conversamos com eles, tentar entender o que esta acontecendo, também chamamos a família e buscamos juntos uma melhor solução.
- 4- Nossa se temos, empurrões, bolinhas de papel, trombadas de propósito, isso é muito chato, eles também xingam palavras horríveis, não temos conhecimentos de ameaças do tipo “vou ti pegar lá fora”, mas temos situações muito difíceis no nosso dia a dia.
- 5- Sim sempre fazemos uma varredura semanal e também quando alguém denuncia um colega que eles sabem que estão com alguma coisa, sempre tem um engraçadinho com

estilete se fazendo de inocente, no início do ano sempre avisamos que são proibidos. Neste ano tivemos um caso, uns alunos se desentenderam, mas neste dia não passou de uma discussão, no dia seguinte ficamos sabendo que um dos alunos estava armado com uma faca, fomos até a sala dele para verificar e encontramos na bolsa dele envolvido com um pano de prato uma faca enorme muito afiada estava até brilhando, quando o questionamos do porque da faca ele foi muito claro ao dizer, “é para resolver problemas meus”. Quando falamos que íamos ligar para o pai dele, ele retrucou dizendo “então liga na delegacia meu pai é policial, ele vai me levar embora daqui”. E ele tinha razão o pai dele chegou e nem quis saber o que aconteceu disse que era problema dele e ele resolvia. No outro dia pediu a transferência do filho.

- 6- Sim com toda certeza essas crianças violentas e indisciplinadas não tem limites os pais não impõem nada a eles, eles desconhecem o respeito pelo espaço do outro, os pais recompensam a falta de presença na vida do filho realizando todas as suas vontades, outros vivem em casa onde os pais brigam se agriem e não se respeitam é difícil quando o caso é este.
- 7- Na maioria das vezes dizem estar atrasados, ou que não tem tempo mesmo, ou as vezes dizem “olha professora vê o que a senhora pode fazer aí, pois eu já não sei mais o que fazer com esse menino (a)” outros nem aparecem, desligam os celulares dificultando ainda mais o nosso trabalho. E é neste momento que o aluno sente que pode fazer o que quiser, pois ninguém se importa com o que ele faz.
- 8- Temos boas relações com os pais dos alunos que não precisam, são raros os casos de pais de alunos problemáticos que nos procura ou aceita a nossa ajuda, são sempre intolerantes quando se fala no assunto parece que eles se sentem invadidos ou envergonhados com estes assuntos.
- 9- Temos vários projetos, como o coral, a fanfara, esportes em horário inverso, a sala de leitura também em horário inverso, grupos de teatros e a radio. A maioria dos alunos que participam destes projetos são alunos que apresentam dificuldade de interação com os colegas de classe e alunos que causam problemas dentro e fora da sala de aula.

O coral atende 30 crianças e adolescentes no início ouve uma certa rejeição por eles não conhecer, mas agora eles estão adorando as aulas. A fanfara atende 65 alunos e esta tem aprovação total dos alunos, temos até outros que gostariam de participar. Já o esporte tem ajudado mais os meninos eles organizam os times,treinam, disputam, mas sem discussões, pois eles sabem que quem arrumar confusão é suspenso, eles tem se relacionado bem.

A sala de leitura tem ajudado aos que não lêem bem ou não gostam, eles vem participam discutem os assuntos, conta como foi sua leitura têm sido bem proveitoso.

Os grupos de teatros são bem animados eles se reúnem discutem os temas, sempre com nossa aprovação, e os outros alunos adoram as apresentações, os temas são sempre sobre assuntos que eles gostam de ouvir, mas sempre em linguagem deles e que eles gostam.

A rádio tem sido uma festa, eles atendem ao pedido de musicas de vários estilos, anunciam aos acontecimentos dos outros projetos, falam sempre diversos assuntos sempre com a nossa supervisão.

Olha os projetos tem nos ajudado a conhecer melhor os alunos, nos projetos eles se sentem mais soltos, e falam ou mostram como são o porquê agem de forma diferente na sala de aula, tudo o que acontece é passado para os professores, que levam para a sala de aula o que sabem de seus alunos, e mudam a forma de tratar os seus alunos.

A coordenadora diz; que nos não temos muitos resultados bons e dizer que o aspecto da escola melhorou apenas pelos projetos, pois estes foram instalados a pouco tempo, mas podemos garantir que temos avanços importantes e que fazem com que nos estejamos bem confiantes em obter melhores resultados.

ESCOLA ESTADUAL. (COORDENADORA)

1. Difícil, a cada dia dar aulas é um desafio, os alunos estão cada vez mais rebeldes e controlá-los tem se tornado cada vez mais impossível. Aqui na nossa escola tem sido muito difícil dar aulas temos muito alunos extremamente rebeldes, que nos afrontam a toda hora.
2. Na maioria das salas os alunos são divididos em grupos com afinidades diferentes, e sempre temos casos de brigas entre eles.
3. Temos sim, é difícil lidar com eles, pois na grande maioria das vezes esses alunos mudam muito de escola e conhecer eles se torna muito difícil. Quando deparamos com esses alunos em nossa escola sempre procuramos a família deles para saber o que está acontecendo e conhecer a sua história, para só assim tomar alguma atitude. Mas na verdade podemos fazer muito pouco a família se tranca muito em seus problemas e não nos deixa muito a fazer.
4. Bom, já tivemos casos de professores que foram empurrados e levaram tapas, isso aconteceu na grande maioria das vezes no momento de outras brigas nos fomos separar e acabamos sendo agredidos.
5. De fogo ainda não, mas faca e estiletes, sempre temos encontrado é difícil ver a escola nesta situação, mas é o que acontece sempre.
6. Não podemos afirmar isto com certeza, mas o que vemos acontecendo nas famílias da nos uma idéia de que a família está passando por um momento muito difícil e é claro que no meio de tudo isso as crianças se perdem e não sabem o que fazer, e neste momento desenvolver algum tipo de agressividade se torna comum.
7. Eles sempre vêm, às vezes mal humorados, mas vêm sempre que chamados.

8. Sim temos uma relação com eles.
9. Não projetos para diminuir esses casos não. Temos aqui é radio que os alunos comandam, mas quem sempre se importa com isso são sempre os alunos melhores da escola os outros só querem ouvir a musica. Temos também a fanfara que é comum nas escolas e temos muitos alunos interessados em participar.

ESCOLA ESTADUAL (DIRETORA).

1. Não muito boa, temos alguns alunos dedicados que ainda vão à escola com o intuito de aprender, mas temos vários que dificultam o rendimento das aulas.
2. É difícil dizer, pois hoje em dia os jovens são muito amigos hoje e amanhã já são inimigos. Acho que é normal para a idade.
3. Violentos não, mas temos casos de alunos que sempre causam problemas. Bom normalmente a gente chama eles para conversar, também chamamos a família deles para ficar por dentro do que está acontecendo.
4. Fisicamente não, já tivemos casos de alunos que xingam os professores.
5. Armas de fogo não, já pegamos alunos com faquinhas e estiletes, em revistas nas mochilas e no corpo quando algum outro aluno denuncia.
6. Acredito que em alguns pontos sim, muitos dos alunos que dão mais trabalho os pais reclamam da condutas deles em casa, sempre falam que eles não sabem o que fazer. Então vendo o que eles falam de certa forma acreditamos que parcela da culpa realmente possa ser deles.
7. Quando são chamados a grande maioria se prontifica a vir imediatamente, de vez em quando encontramos alguns mais estressados que não querem vir se fazem de desentendido, mas não temos grande problemas com isso.
8. Temos sim, mas eles não nos pedem muita ajuda, sempre que nos procura e para saber de notas.
9. Não. Aqui nos ainda não desenvolvemos nenhum projeto com este intuito. A única coisa que temos fora da sala de aula é a fanfarra.